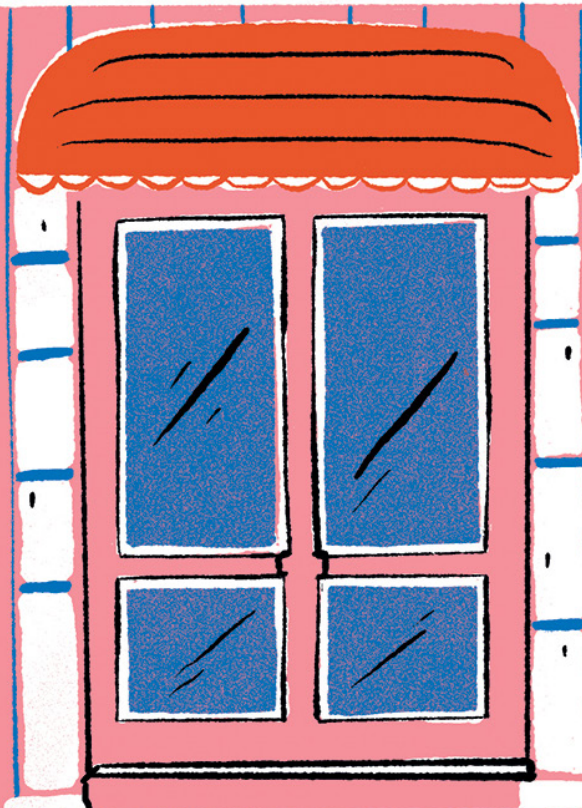


# OUTRA *novelinha* RUSSA

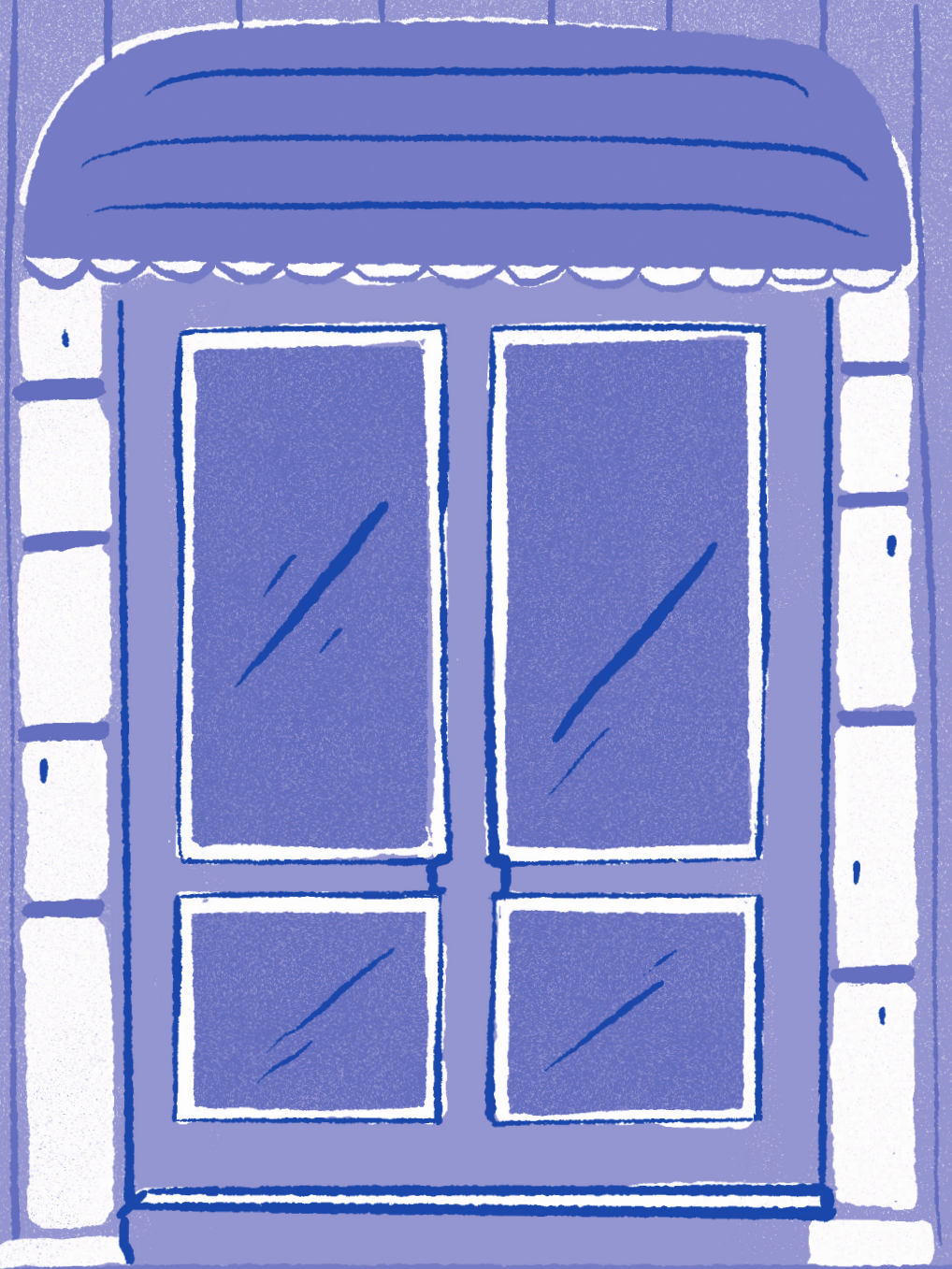


О  
Т  
Е  
Л  
Ь  
О  
Б  
Л  
М  
О  
В



**GONZALO MAIER**





PORTO ALEGRE



SÃO PAULO • 2021

# OUTRA *novelinha* RUSSA




***GONZALO MAIER***

TRADUÇÃO Reginaldo Pujol Filho

*Por que tenho que perder para este idiota?*

**Aron Nimzowitsch**



s anos noventa estavam apenas começando: o Rublo não valia nada, os empregos desapareciam como, às vezes, as borboletas desaparecem – porque sim, de uma hora para outra, sem que ninguém se dê conta – e, na falta de melhor ideia, boa parte de Moscou pegava suas malas e escapava: Nova York, Berlim, Marbella, dava exatamente no mesmo, desde que fosse longe. O resto caminhava com o olhar perdido nas pontas de seus sapatos, e pensava duas ou três vezes antes de acender um cigarro. Alguns – era impossível distinguir entre os que

se mudavam e os que não – durante a noite empinavam garrafas de vodca e, pouco antes de voltarem para suas casas, atiravam as garrafas contra as estátuas de Lenin. Algumas pessoas aplaudiam, outras olhavam com cara de reprovação, e a coisa, vista desse modo, era uma metáfora modesta, mas eficiente: a União Soviética vivia sua última bebedeira e cada um fazia o que podia. A milhares de quilômetros – quatorze mil cento e vinte e dois, para ser exato – em uma Punta Arenas sepultada por quase um metro e meio de neve – “o feroz inverno branco”, dizia a manchete do jornal, que naquela semana mostrou sem parar fotos de um gaúcho recolhendo ovelhas mortas–, Emanuel Moraga assistia a um documentário sobre a vida cotidiana na Rússia. Tinha uma manta sobre os joelhos e um chazinho de melissa nas mãos. Usava

também umas pantufas velhas e estava sentado junto a uma estufa a parafina que, com aquela cor amarelada, advertia que faltava pouco para se apagar. A casa estava tão silenciosa que, no segundo intervalo, pegou no sono. De todos os modos, foi um cabeceio de leve, e que terminou com seus olhos abrindo num susto, com um pequeno salto, como se do nada aparecesse na sua frente a própria Virgem Maria, assim, em carne e osso, bem no meio daquela sala mal-cuidada e um pouco deprimente.

Aquele ano havia sido ruim para a criação de ovelhas, para a construção civil e para o basquete regional, embora para Moraga houvesse sido pior. Apesar de que há muito pressentia – as horas vazias da aposentadoria, a morte de Pamela, a vida longe de seu filho em Santiago, o colesterol estacionado em 321 mg/dl –, foi



só quando abriu os olhos que não restou um traço de dúvida. Foi tão fulminante que se lembrou do dia em que lhe receberam óculos para a miopia. Inspirado pela voz grave e segura daquele locutor que detalhava os intrincados malabarismos que Gorbatchov fez para conduzir a *perestroika*, percebeu que era chegada a hora. Viajaria para Moscou. Sim, sim, faria isso, pensou enquanto na TV mostravam uma velha indústria fechada, rodeada por um monte de velhos esfregando as mãos diante de uma cerca enferrujada. Por fim, disse para si mesmo que a viagem serviria para suportar melhor a ausência de Pamela, a única mulher da sua vida. Claro que, para ser justo, era uma forma curiosa de pedir uma revanche ou – com o perdão do arroubo melodramático – de morrer com dignidade. Algo assim como os gatos, tão elegantes, que partem para

um recanto solitário antes de dar o último suspiro.

Na manhã seguinte, Moraga botou umas galochas que chegavam quase aos seus joelhos, vestiu um sobretudo cinza, levantou a gola – um gesto arrojado para um senhor como ele, que o levou a crer que fazia algo proibido ou perigoso – e, ao estilo dos espões que apreciam nos filmes, saiu para a rua. Fez isso com cuidado, é claro, abrindo um pouco a porta para verificar o tanto de neve que havia lá fora. E, como naquelas condições pareceu-lhe impossível fazer o carro andar, foi caminhando devagar, enterrando muito bem os pés na neve. Sete quadras curtas o separavam do centro e, em particular, da loja da Romeo Viajes.

Mal pronunciou o nome da cidade, a mulher de uniforme azul baixou a vista, pegou o telefone e, em poucos minutos,

como um mágico que tira um coelho da cartola, entregou uma passagem retangular com o nome daquele lugar misterioso: Moscou. Surpreendeu-se por ter sido tão fácil. Depois de passar mais de uma década sonhando com a capital russa, após muita insônia e dores de cabeça, quando já havia lido livros e mais livros e alugado montes de vídeos chatíssimos que mostravam como era a vida naquele lugar distante, confirmou que, para realizar sonhos, como asseguravam no comercial de um banco, bastava ter um cartão de crédito.

A prova irrefutável ele encontrou quando olhou para a data impressa na passagem: faltavam exatos três meses.

Ao voltar para casa, Moraga dedicou-se a caminhar de pantufas e percorrer o espaço como se o visse pela primeira vez. Ou talvez como se procurasse algo – um

quadro? Um tapete – que subitamente havia desaparecido. Havia comprado a casa há pouco mais de trinta anos, quando recém tinha se casado com Pamela e o haviam promovido a subdiretor de Planejamento da Prefeitura de Punta Arenas. Era uma pechincha e, como tinham umas economias e não decidiam nada para fazer com elas, pareceu uma boa oportunidade. Além do mais, ele era arquiteto e não lhe seria difícil, ou assim acreditava, ressuscitar uma casa moribunda. Desde que assinou os papeis, numa tarde de abril em que o sol brilhava mais do que o usual, vestido com seu traje favorito, Moraga soube que aquela seria a grande compra da sua vida e, de fato, foi. O que ele não sabia, o que não tinha como adivinhar ao pedir o empréstimo – e talvez tenha sido isso o que havia evaporado, sem nenhuma